

*tão fútil e de tão mínima  
importância*



*Tiago Franco*

*tão fútil e de tão mínima  
importância*

---

G a r a m o n d

Copyright © 2018, Tiago Franco

Direitos cedidos para esta edição à  
Editora Garamond Ltda.  
Rua Cândido de Oliveira, 43/101 - Rio Comprido  
Rio de Janeiro – Brasil Cep: 20.261-115  
Telefax: (21) 2504-9211  
editora@garamond.com.br  
www.garamond.com.br

Este livro foi laureado vencedor no Prêmio Rio de Literatura  
2016, categoria Novo Autor Fluminense, promovido pela Fundação  
Cesgranrio e pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

Revisão  
*Alberto Almeida*

Diagramação  
*Editora Garamond*

Capa  
*Estúdio Garamond*  
Foto de capa: Man Ray, Anatomies [1929] © Digital Image,  
The Museum of Modern Art/Scala, Florença, 2018.  
© MAN RAY TRUST/ AUTVIS, Brasil, 2018.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F897t

Franco, Tiago

Tão fútil e de tão mínima importância / Tiago Franco. - 1. ed. - Rio de  
Janeiro : Garamond, 2018.

112 p. ; 21 cm.

ISBN 9788576174615

1. Ficção brasileira. I. Título.

18-48233

CDD: 869.3  
CDU: 821.134.3(81)-3

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,  
por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

*Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazeres em assunto tão fútil e de tão mínima importância.*

Montaigne



# SUMÁRIO

I  
MATÉRIA DESTE LIVRO, 9

II  
RAZÃO SUFICIENTE, 33

III  
MÍNIMA IMPORTÂNCIA, 77





*I*

MATÉRIA DESTE LIVRO



Nosso bastardo sem nome tem apenas quatro anos de idade em 1978, mas ele já conhece muitas coisas a respeito da vida. Sabe que sua mãe é uma *borderline* e seu pai, um perverso sexual. Em razão disso, sabe também que eles são as pessoas menos preparadas e mais egoístas para exercerem respectivamente as funções materna e paterna de que uma criança precisa para se tornar um adulto sadio e realizado. Se por um lado, eles não formavam uma família feliz, por outro, também não eram uma família triste. A bem da verdade, temos dúvidas quanto ao emprego da palavra *família* para nos referirmos a eles.

À parte a miséria de ter como pais semelhantes criaturas, podíamos dizer que ele fazia o melhor que podia com aquilo que lhe fora dado. O fato é que a vida não lhe dera muita coisa até então, e lhe dará muito menos nos anos seguintes, como conhecereis em breve toda a verdade acerca dessa criança infame. Aliás, o destino, ao invés de acrescentar, irá subtrair-lhe algo, seja através de seus pais, seja de pessoas que irão sucedê-los. Que pena! Já vimos crianças mais miseráveis

como protagonistas e em situações bem mais degradantes do que a dele, obrigado pela simpatia. E não aludimos aqui às personagens infantis dos romances de Dickens ou de Thomas Hardy, como poderíeis pensar, mas a uma criança com o coração e os bofes nas mãos. Afinal, se ele mesmo não se queixa, por que nós haveríamos de? Enfim, passemos logo à história de F., à *matéria deste livro*, porque talvez ela nos sirva de espelho, exibindo aquilo que não cessamos de dissimular, não tanto para os outros quanto para nós mesmos: nossa própria recusa diante do real, a imagem dupla e imperfeita que preferiríamos ocultar.

Além de conhecer seus pais como ninguém, sabe que vivem apenas ele e a mãe em uma casa geminada na rua da P., defronte à barra do rio M., em uma existência que não hesitaríamos em chamar de idílica, caso fôssemos capazes de nomear algo que para ele não era mero produto da fantasia, mas que se aproximava à mais sincera e apaixonada realidade. Sabe que moram de aluguel (embora seu restrito vocabulário não conheça esta palavra, ela evocava o sentimento familiar da privação do domínio ou posse de coisa ou direito), o que farão pelos próximos quatro anos, até comprarem uma casa em um condomínio de classe média baixa no subúrbio da cidade. Sabe também que o genitor do mesmo sexo (hesitamos em chamá-lo de *pai*) ainda não mora com eles, o que virá a fazê-lo somente dois anos mais tarde, quando a mãe der à luz uma menina. O que ele não sabe é quando irá ver aquele que

o gerou, que passa rapidamente quando termina de atender no consultório ou se um colega do antigo SAMDU dispõe-se a cobrir sua ausência do plantão médico durante poucas horas.

Tem a impressão de que o homem vem à casa apenas por causa de sua mãe, tolerando a sua existência como nos acostumamos a algo inevitável e desprovido de sentido. F. também não sabe ainda, mas o pretenso pai (bem, vamos chamá-lo assim, na falta de um nome melhor) precisa dividir seu tempo com outra família, o que torna as visitas, e as horas passadas com a mãe e o menino, bastante parcimoniosas. Não fosse justamente pela escassez e sobriedade das visitas, que lembravam a ida profissional de um médico ao domicílio de um paciente enfermo, tudo estaria na mais perfeita ordem na vida dessa família (afinal, era isso mesmo que eles constituíam, não, uma família?). A diferença ali era que ambos não eram seus clientes. Ou eram? Bem, talvez esse detalhe já não tenha mais importância para esta narrativa, tão infame em relação ao senso moral e repulsiva ao senso estético quanto seu próprio sujeito, nem mude sensivelmente os rumos que ela irá tomar de agora em diante.

O que vem ao caso agora é que acabamos de mencionar uma palavra com a qual nosso pequeno terá que se acostumar desde cedo: parcimônia. Ter comedimento em relação às despesas, à comida e ao sexo. Em outras palavras, ser simples e frugal no tocante às necessidades materiais e aos instintos bá-

sicos. No entanto, simplicidade e frugalidade serão palavras que não constarão no repertório quando tratarmos da sexualidade do nosso *perverso polimorfo*. Mas, se existem muitas coisas que ele já conhece apesar de sua tenra idade, o que ele se tornará em relação ao sexo é algo que por enquanto lhe é obscuro. E assim o será por longos e dispendiosos anos. Mas não exatamente para nós, que a esta altura conhecemos F. de cabo a rabo.

Apesar da completa ignorância sobre sua futura vida sexual, aos quatro anos F. já tem um conhecimento especializado e bastante refinado sobre o corpo de sua mãe, que ele percorre com dedos velozes e olhos ávidos na ausência do pai. Não foi necessário muito esforço para que o corpo privilegiado de sua mãe fosse de imediato transformado em *objeto* do mais desvairado *fetiche*, tendo sido habilmente decomposto em partes perfeitamente autônomas pela sua engenhosa mente infantil, cujo poder de atração sobre a sexualidade incipiente de nosso bastardo não conhece limites. Tão jovem e imaturo, apesar de tão sábio, ele não é capaz, no entanto, de discriminar com absoluta certeza a primazia de uma delas sobre as demais, procurando em vão assimilar isoladamente cada coisa (olhos, seios, vagina, nádegas, ânus, excrementos e pés), para só depois fazer a escolha do *objeto parcial* que determinará a sobrevida do seu desejo mais espúrio e ao mesmo tempo mais genuíno.

Um sonho que F. teve quando adulto, cuja análise nos tomou um tempo precioso de suas memórias, e nos proporcio-

nou uma compreensão melhor sobre o seu caráter admirável, tem raízes provavelmente nessa época das primeiras descobertas sexuais infantis. Sonhou que se deitava com uma mulher que parecia uma boneca inflável, pois ele a manipulava e a dispunha de modo antinatural sobre a cama. Não podia ver-lhe o rosto nem ao menos ouvir o som de sua voz. Era uma falsa magra, estendida de braços sobre os lençóis amarrotados, cujos cabelos abundantes escorriam dorso abaixo. O toque de sua carne lembrava o látex trabalhado nos seringais de antigamente. Removeu com um gesto violento a calcinha preta de renda e postou-se atrás dela, com o nariz enfiado em seu cu almiscarado, lambendo a xoxota empertigada. Enquanto a lambia com aplicação e método, tentando sentir outro gosto nela que o do silicone, ajustava milimetricamente a posição das nádegas rijas, porém macias, ora empinando-as ao máximo, ora rebaixando-as até tocarem o colchão. Logo se desinteressou do sexo da boneca, inebriado pelo cheiro intenso que as glândulas anais exalavam sob suas narinas, passando a fazer movimentos vagos e imprecisos com a língua ao redor do delicado círculo. Primeiro, a língua percorria com certa timidez as diminutas ranhuras que cortavam o anel acastanhado, na tentativa de sentir o leve ondular da mucosa. Depois, à medida que foi ganhando confiança, atreveu-se a executar algumas variações em torno do halo, pressionando o esfíncter elástico com a ponta da língua, tentando deflorá-lo como se faz a uma virgem. Quando procurava trespassá-lo, tal como um toureador em combate empunha as *banderillas* e precipita-se sobre o animal, o opo-

nente se retraía, batendo em fragorosa retirada. Era preciso então recomeçar a lide, atacando pelos flancos do vale tenebroso, avançando pacientemente em direção ao centro para vencer as forças mais íntimas e indevassáveis. Após algumas investidas tenazes, e outros tantos recuos estratégicos, finalmente a depressão úmida se abriu e não lhe ofereceu mais qualquer resistência como um touro que capitula. Sua língua sedenta estreitou-se orifício adentro buscando em vão alcançar o fundo como uma ratazana à procura de alimento e proteção. Quanto mais longe o feixe de músculos penetrava na cavidade, mais o esfíncter tornava-se complacente, acomodando-se incontinentemente ao redor do intruso esfaimado. Ele não podia sequer imaginar que o sabor que sentiria ao prová-la seria tão raro. Era preciso morrer e nascer de novo para experimentar algo tão delicioso e refinado. E quando nada parecia ser mais próximo do que o nirvana, algo inesperado aconteceu: percebeu que não fora ele quem havia penetrado o território proibido, mas, sim, a cloaca edulcorada que o aprisionara em um cálido beijo envolvente. Foi então que a *pulsão anal* o arrebatou como nunca havia se apoderado assim de alguém na face da Terra, sujeitando-o às mais degradantes e impensadas abjeções a que um homem foi capaz de se submeter em nome desse poderoso botão marrom-dourado de prazer nefando. Assim nascem os sodomitas.

Aos cinco anos de idade, F. já fez algumas escolhas objetivas determinantes, embora ainda não tenha consciência disso



nem tampouco sua mãe. Como vivem apenas os dois, ela não pode desperdiçar as oportunidades para se aliviar rapidamente. Aquela parecia ser a ocasião ideal para alguém que, em geral, não obtinha alívio algum em nenhum aspecto. Ele ficou brincando sozinho na sala enquanto ela se dirige discretamente aos fundos da casa, escondendo-se no banheiro de empregada como se fosse praticar alguma atividade ilícita. A porta é mantida entreaberta para escutá-lo ao longe, mas a verdade é que ela não lida bem com a sensação de vazio que a falta dele lhe traz. Num instante, a sensação fica insuportável. Não demora muito para que passos furtivos surjam sobre o capacho da cozinha. Chega a trancar-se como se estivesse em uma solitária, mas sabe que já é tarde demais, porque o carcereiro esmurra a porta do banheiro com fúria e só irá afrouxar quando ela abrir. Experimenta primeiro uma ânsia, seguida por imenso desprazer quando é privado momentaneamente dela, tendo que aguardar do lado de fora que sua mãe acabe as necessidades, para então tê-la toda para si. Não somente gostaria de estar do lado de dentro para sentir o cheiro dela impregnando o exíguo espaço do sanitário ladrilhado de azul-claro da cor do céu, mas, se fosse possível, queria estar literalmente em seu interior, preso como um fecaloma. Ele sabe que sua mãe sofre de constipação e leva um tempo inestimável para se livrar dos dejetos que fabrica com esmero, cuidado semelhante ao que se leva para gerar um rebento. Em sua fantasia mais secreta, ela o mantém ainda dentro de si e lamenta quando tem de se separar

dele. Assim, a prisão de ventre nada mais é do que uma maneira profunda e possessiva de amar. Um amor orgânico, digamos assim, que tornou a ambos cativos um do outro.

Não deve ser por outra razão também que ele passou, logo depois, a ser admitido no banheiro toda vez que ela precisava defecar. Não podia se separar dele nem para ficar sozinha por poucos minutos, algo que evitava a todo custo em outras circunstâncias. Era natural que ele não se sentisse um objeto inteiramente à parte, mas, sim, como algo constitutivo do corpo de sua mãe à maneira de um apêndice nervoso. Franquear-lhe sua intimidade daquela forma confirmou para ele o que era até aquele instante mera intuição. E todos sabemos que uma intuição precisa de muito pouco para se transformar em convicção. Portanto, não lhe parecia casual que a casa que fora escolhida como sua moradia durante a primeira infância, entre tantas outras disponíveis em bairros mais agradáveis, fosse justamente aquela situada defronte à barra do rio, que trazia suas porcarias e imundícies, desde a região serrana de M., para desaguar no mar. Em seu ponto de vista infantil, não só nosso bastardo ignorava a distinção entre a vagina e o ânus, o que confirma a *teoria da cloaca*, teoria sexual das crianças segundo a qual os bebês e as fezes são expelidos por uma abertura comum, como também acreditava que ele e a mãe viviam mesmo em uma cloaca ideal. Enquanto alguns de vós certamente consideram isso como uma perspectiva ingênua e fantasiosa de uma criança, nós, ao contrário, vemos nesse

exemplo uma análise penetrante da realidade circunjacente daquela época, fruto de uma mentalidade engenhosa aliada a um espírito sutil.

Havendo passado da intuição à convicção com impulso tão natural, não foi preciso muito para que a realidade anatômica do sexo feminino fosse renegada com fé inabalável por nosso fetichista embrionário. Em suas incursões periódicas pelos sanitários ao longo dos primeiros anos do seu abastardamento, ele só fez negar continuamente a existência da vagina, assumindo que sua mãe, e, por conseguinte, toda mulher que veio a conhecer fora daquele receptáculo de paixão e sordidez em que foi gerado e nutrido, possuía um pênis plenipotenciário. Para nosso pequeno dejetor, o que é igualmente verdadeiro para o perverso sodomita que ele se tornará anos depois, as mulheres são seres fálicos que podem não apenas submetê-lo como também aniquilá-lo se assim lhes convier. E ele aprendeu, desde muito cedo, que muito mais do que de convicção, sexo era uma questão de conveniência. E, para isso, se ele não contou com a ajuda de seu pai, que haveria de ter sido um mestre exemplar para um pupilo tão sedento e carente de conhecimento, pôde mais o desejo do que o acaso ou mesmo a sobredeterminação.

Se uma palavra deveria ser usada para definir sua mãe era justamente a palavra *conveniência*. Sua mãe é uma mulher conveniente, que se presta de maneira servil aos caprichos mais imperiosos e extravagantes daquele filho que deseja